



Taxa Paga
Portugal
Contrato 536425

Publicações
Periódicas

Pode abrir-se
por aplicação postal
Autorizada
a circular fechada
DE21302022CSB2B/jan



Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

8 de Fevereiro de 2025 • Ano LXXXI • N.º 2111
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Visitas

DE vez em quando é bom voltarmos o nosso olhar para dentro da comunidade, para os que estão presentes e para os que estão ausentes. De quando em vez, recebemos a visita destes, por vezes vindos de longe, movidos pela saudade ou por outra inquietação qualquer.

As experiências não se transmitem, como dizia Pai Américo, por isso, muitas vezes as palavras que trocamos não nos levam muito longe na plena compreensão da vida, e muitas coisas nascem na nossa consciência como percepções e não como factos bem conhecidos.

O sangue lusitano que os anima, leva-os, por vezes, muito longe de nós, a recantos do planeta que não pensávamos alcançassem. Por necessidade e com arrojo, partiram daqui em busca de um mundo novo, com ou sem alguém conhecido a esperá-los.

Esta maneira tão característica dos portugueses, que é também dos rapazes gaiatos, de começarem a sua vida independente da família em que se criaram, foi também a que Pai Américo escolheu, na sua juventude. Em 1906, com 19 anos de idade, meteu-se num vapor e seguiu para Moçambique, onde o aguardava o seu irmão Jaime. Esta sua experiência, muito importante para a sua vida, transmitiu-a mais tarde aos seus rapazes, tomando alguns deles o caminho da África, Angola e Moçambique, para lá se lançarem na construção autónoma das suas vidas e famílias que constituíram.

Hoje, como ontem, a idade da juventude é idade de sonhos e de consolidação do carácter e da personalidade, do que não se pode alhear as experiências passadas, tantas vezes revisitadas no pensamento e pelos sentidos, na passagem pela casa paterna.

É o que trouxe um dos nossos, nestes dias, na visita à sua terra de origem, que não esquece, às pessoas e lugares que lhe trazem à memória afectos pelos que já partiram e contacto

com os que lá permanecem, no ambiente que, embora querido, um dia deixou.

Fiel a si mesmo, na sua maneira de ser e na maneira de encarar a vida, apresentou-nos as suas concretizações, resultado do trabalho e da orientação que dá à sua vida.

Mas como o *homem é, não só ele mas também a sua circunstância*, o ambiente que o rodeou teve grande influência no que ele é hoje, enraizado no âmago do seu ser, e o ambiente em que se move desde que nos deixou, não deve ofuscar importantes valores, para que não fiquem esquecidos.

Que a ninguém se aplique a palavra de Cristo: *Que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro se perder a sua alma?* Ora, na alma, reside a vida e nada há que se lhe possa sobrepor. É valioso e sempre actual o ensinamento de Pai Américo: «Vale mais a alma do que o corpo».

Padre Júlio

PÃO DE VIDA

Dos primórdios da Obra da Rua

VALE a pena continuar a recordar os primeiros passos para a instalação da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, no 85.º aniversário da sua fundação, concatenando mais algumas notas de Pai Américo e alguns documentos inéditos sobre a aquisição de algum património de raiz, para que as condições e os meios de subsistência da nova comuni-

Américo em 1940. Nesta pequena aldeia de rapazes, toda cheia de amor e carinho para com os infelizes, onde qualquer visitante é recebido com simpatia extrema, torna-se fácil, afinal, acreditar no homem e nas enormes potencialidades morais que tem dentro de si.» [Nelson Correia Borges – *Coimbra e Região*, Lx.ª: Ed. Presença, 1987, p. 204].



BENGUELA – VINDE VER!

O pão nosso de cada dia

NA Oração que rezamos em comunidade todos os dias a hora do terço e na Eucaristia, pedimos ao Pai Nosso que está no Céu essa graça de saciar a fome de pão na terra enquanto peregrinos da esperança de vir a tomar parte do banquete nas bodas eternas, quando chegar aquela hora de aceitar o convite, “vinde benditos de meu Pai, recebi como herança o reino que vos esta preparado

desde a criação do mundo”. O pão é fruto do trabalho, como bem recitamos no momento em que elevamos os nossos corações a Deus erguendo os frutos colhidos da terra apresentados sobre o altar do sacrifício. “Bendito sejais Senhor Deus do universo pelo pão e pelo vinho que recebemos da vossa bondade frutos da terra da videira e do trabalho do homem”. Como Casa de família que somos,

o trabalho é fonte de benefícios. Serve para educar, instruir e colaborar no progresso social. É um instrumento favorável para testemunhar o serviço prestado à comunidade humana. É um acto digno de afirmação e presença no seio da família. Os mais novos têm a sua ocupação adequada à idade cronológica e mental. Os rapazes maiores têm ocupações e responsabilidades maiores também como convém, estabelecer a correspondência entre maturidade e consciência e as duas juntas sinalizam a fase de atribuição de maiores responsabilidades

Continua na página 4

dos gaiatos das ruas de Coimbra tivessem dignidade e se desenvolvessem.

Como intróito, dos *Novos Guias de Portugal*, em que vem também descrita a vila de Miranda do Corvo – que recebeu Foral de D. Afonso Henriques em 1136, *terra de agricultores e oleiros* – eis este belo recorte:

«Para a visita a Miranda ter um cunho diferente, um carácter mais humano, deve incluir como ponto obrigatório uma das obras sociais mais meritórias deste país: a Casa do Gaiato. Situa-se nos arredores da vila e tem o interesse histórico de ser a primeira Casa da Obra da Rua, fundada pelo Padre

Com o desenrolar da experiência pioneira das Colónias de Férias [1935-1939], na montanha, verificou-se que o Padre Américo foi sonhando adquirir uma casa própria com quinta – para repouso, cura e formação de rapazes pobres e abandonados. Neste sentido, escreveu: «As *Colónias de Campo do Garoto da Baixa* era[m] uma obra incompleta e eu tinha medo que o povo lhe chamasse, como às capelas da Batalha, imperfeita. Eu mesmo sentia que algo lhe faltava.» [Obra da Rua, Coimbra, 1942, p. 39].

Assim, foi pondo a ideia em

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

PRENDA — Como dissemos numa das nossas Crónicas pelo Natal, o nosso Fajó tinha o sonho de vir a ter uma *Playstation*, o que veio a concretizar-se pela oferta que nos fizeram de uma dessas máquinas de jogos. Nos fins de semana, tem-se consolado a jogar futebol na *Play* com outros rapazes. Agora, talvez inspirado pelos estádios que aparecem, anda a pedir ao senhor Padre Júlio que gostava muito de ir ver um jogo ao estádio do Dragão, embora o seu clube seja de Lisboa. Para já não está previsto. Vamos ver!

AVES — O «Guga» continua a ser o tratador das nossas aves. É uma tarefa importante para a nossa Casa, que mais se aprecia quando é dia de almoçarmos um arroz de cabidela. Obrigado «Guga» pelo teu trabalho.



PODAS — O Paulo «Mudo» andou a podar as árvores de fruto do nosso pomar. Esperamos que as árvores se desenvolvam bem com este cuidado do Paulo. Enquanto ele faz a poda, outros rapazes vão juntando as varas podadas, ficando o pomar um brinquinho.

Repórter X

Página da OBRA DA RUA na internet

Visite o nosso site em www.obradarua.pt e encontrará diversa informação:

- Contactos
- Assinatura e leitura do Jornal O GAIATO e do Boletim AMA nos seus três formatos:
 - Edição digital
 - Edição áudio
 - Edição impressa, digitalizada em PDF
- Livros da nossa Editorial e outras
- Biografia de Padre Américo
- Pedagogia da Obra da Rua
- Padres da Rua
- Memorial / Museu Padre Américo
- Documentação diversa.

MIRANDA DO CORVO — COIMBRA

CATEQUESE — Depois da festa do Crisma, que marcou os três Rapazes crismados, foi retomada a Catequese de vários Rapazes da nossa Casa na Paróquia da vila de Miranda do Corvo, dos pequenos aos médios. É importante esta dimensão da nossa vida espiritual, para crescermos na Fé!

ESCOLAS — Em 27 de Janeiro terminou o 1.º semestre de aulas, no Agrupamento de Escolas de Miranda do Corvo, pelo que os Rapazes que frequentam os vários anos de escolaridade, do 1.º Ciclo ao Secundário, ficaram em Casa, de 28 a 31 de Janeiro. Como o tempo esteve muito chuvoso, estiveram no nosso Centro de Estudo. Esperamos que os resultados das avaliações sejam

positivos. Ainda foi possível conseguir livros para os seis Rapazes que vieram de Cabo Verde estudar em cursos profissionais, na Escola Secundária.

MÚSICA — Também foram retomadas as aulas de Educação Musical, no nosso Centro de Estudo, aos sábados de manhã, com a Professora Maria João. Actualmente, há três turmas, pois os cabo-verdianos ficaram na iniciação. Esta parte da formação na nossa Casa tem interesse, pois saber e ouvir boa música ajuda no nosso desenvolvimento e equilíbrio humano.

PARTILHAS E CONTACTOS — É nosso dever agradecer muito a todos os nossos amigos e amigas que nos vão ajudando com os

seus donativos e bens necessários para esta Família, que está a celebrar 85 anos de vida, fundada pelo nosso Pai Américo. Bem-hajam! Apelamos a que divulguem o nosso jornal O GAIATO, passando recado aos mais novos e conseguindo novos assinantes, pois é a nossa bandeira! Tem havido cartas e jornais devolvidos por morada incompleta, falta de número de porta ou dificuldades de acesso à caixa do correio. Assim, quem não tem recebido o nosso jornal ou não recebeu o seu recibo, entre em contacto com a nossa Casa. A nossa morada e os nossos contactos: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo — Casa do Gaiato, Largo de S. Brás — N.º15, 3220-034 Miranda do Corvo — Coimbra; telefone: 239 532 125; correio electrónico: gaiatomiranda@gmail.com

Rapazes de Miranda

NIB's DAS CASAS DA OBRA DA RUA

Casa do Gaiato de Paço de Sousa: 0045 1342 4003 5524 3039 8

Calvário: 0018 0000 0620 9336 0013 3

Casa do Gaiato de Miranda do Corvo: 0035 0468 0000 5577 3301 8

Casa do Gaiato de Setúbal: 0010 0000 0154 4210 0018 7

Património dos Pobres: 0045 3440 4021 8356 4277 8

Conferência de Paço de Sousa: 0035 2146 0000 1508 9304 9

Conferência do Lar do Porto: 0010 0000 0309 5700 0010 9

Casa do Gaiato de Malanje: 0010 0000 0158 2730 0016 7

Casa do Gaiato de Benguela: 0035 0402 0001 3023 2327 4

BEIRE — Flash's

Flash's do quotidiano

1. Da Missa para as ervas do Jardim... Ao ouvir aquela história, de tal modo me senti tocado que logo dei comigo a *imaginar a cena*: O marido dela morreu. Pouco tempo depois, ela sente na pele e toma consciência de que, realmente, «não é bom para o homem viver só». Mesmo sem saber que foi este alerta de Adão que *fez Deus acordar* para esta dura realidade da vida. (*Gn 2,18*)... Sem **os outros**, a vida não faz sentido. Mas os outros também podem tornar-se *um inferno*... O segredo está em ir aprendendo a arte de lidar **comnosco** e **comquem** nos vai caindo no prato...

Nessa sua experiência da viuvez, dolorosamente vivenciada, parece que a senhora intuiu que ainda «há caminhos não andados que esperam por alguém»¹ ... Ela é vizinha de uma colaboradora nossa. E ambas são vizinhas do Calvário. Em pé de conversa, fica a saber que «agora, no Calvário, a Missa é aberta à Comunidade e que a Capela Espigueiro já é pequena para tanta gente que nos busca». Passam a vir juntas à Missa. Na ma-

nhã de um domingo ensolarado deixa que o seu olhar de mulher sensível poise no *jardim do cruzeiro*. Ao descer a escadaria, dá-se conta de que foi arranjado há pouco, mas já precisa que cuidem dele. O que está ali em frente é tudo promessa e ameaça. Na realidade, mais parece um campo abandonado, onde as daninhas imperam, viçosas.

Sai-lhe da boca, com a mesma pureza das águas da fonte: — *Se me deixassem, eu vinha aqui um dia e...* Não gosto de ver um *jardim mal cuidado*... A conversa prosseguiu e ela veio. Não conseguiu fazer tudo num dia só. Voltou e acabou depois. Aquilo *ficou um brinquinho*. E, antes de ir-se embora, ainda botou uma mãozinha na rouparia — *para ajudar a colega a flita*... De regresso a casa, no dizer da nossa colaboradora, *a senhora não cabia em si de contente*. — *Sinto-me tão bem por ter feito aquilo!*

Era o domingo das Bodas de Caná — a *transformação de uma água comum em vinho de primeira*... Parece ser o que ali se passou — um domingo comum que abriu portas a uma desco-

berta² que pode salvar aquela viuvez, pelo serviço que presta aos outros. O voluntariado torna-se assim **uma grande bênção**...

2. Desde os «medos» até à comUNI(nh)ão... Gosto de saborear esta verdade da nossa experiência de todos os dias — «tempo que não chega para o amor desumaniza o homem e enche o mundo de tédio»... Sem amor a vida perde todo o *sabor a vida*... Tudo fica insípido e incolor. Passados os repentinos de algum *fogo de artifício*, tudo volta ao mesmo — sem cor e sem valor... E gosto igualmente das diferentes leituras que se fazem deste fenómeno humano — somos habitados pela necessidade de amar e ser amados. Já Aristóteles o registou: «Porque não somos nem deuses nem bestas, não podemos viver sós. Precisamos do amor. Somos uns deficientes».

Disse que gosto de me deliciar na busca das explicações que cada um, lá nas suas cabalas mentais, vai dando à questão desta **fome de amor**. Assim: a) As «Ciências da Terra» dizem que «isso» mais não é do que «a ação da seta do tempo e do impulso da evolução a empur-



PÃO DE VIDA

Continuação da página 1

marcha, como uma *bola de neve*, e anunciou: «Acabaram-se as horas angustiosas de não poder remediar o garoto doente da mansarda, e de dizer que não, nas colónias, ao rapaz que me pedia para ficar mais tempo. Tinha uma casa para eles! Podia tomar agora o pequenino doente nos meus braços, retirá-lo do casebre onde tudo falta, e deitá-lo eu mesmo na sua cama, onde há sol e abundância, regalado.» [*idem*, p. 43].

E continuou assim: «A compra da casa que havia de ser do Gaiato, foi feita sem dinheiro. Tinham-me informado de uma casa de campo à venda, sita a dois passos da vila de Miranda do Corvo, adequada ao meu fim. O meu informador era o próprio vendedor: - *Venha, que há-de gostar*. Fomos examinar casa e local, por uma tarde de verão. Gostei e tratei por quarenta mil escudos. Isto foi no mês de Julho, de trinta e nove. [...].

Os construtores de obras assim não têm medo de dinheiro; eles sabem que Jesus o mandou retirar de dentro de um peixe, para saldar contas com César. Onde quer que seja e onde menos se espera, encontra a gente o que precisa. Assinei a escritura, dei metade à conta e no fim de poucas semanas tinha a dívida saldada - a César o que é de César.

A Casa do Gaiato abriu as portas aos três primeiros ga-

rotos na primeira semana de Janeiro de mil novecentos e quarenta, e consta do livro de registos terem feitos ali cura de repouso, até ao fim do ano, quarenta e dois deles.» [*idem*, p. 44-45].

Da compra da Casa e da Quinta de S. Braz, já demos notícia [*vd. O Gaiato*, N.º 2029, 18 Dez. 2021, p. 1], conforme escritura no arquivo da Cúria Diocesana de Coimbra. Isto foi em 3 de Outubro de 1939. Como a obra nascente ainda não tinha personalidade jurídica, na Diocese de Coimbra, o Padre Américo efectuou a compra como *procurador da Sociedade Instrutiva Ozanam*.

E, ao longo do ano 1942, foi tratando de passar o património adquirido para o nome da *Casa de Repouso do Gaiato Pobre* e ainda comprar mais alguns prédios para as diversas necessidades. À mão, temos dois documentos originais e inéditos, em papel azul: um requerimento e uma *Certidão*. Para memória futura, transcrevemos infra o dito pedido, encimado pelo *imposto de selo* - 2\$50, com assinaturas do próprio *Padre Américo!*, no final da fl. 51 v.º, e rubricado pelo Chefe *Eduardo Luiz Loup*, no canto superior direito da fl. 51. Eis:

«Excelentíssimo Senhor Secretário das Finanças de Miranda do Corvo

A Casa de Repouso do Gaiato Pobre, sita no lugar dos Bujos, desta freguesia e aprovada por sua Excelência o Senhor Ministro do Interior como obra de

Assistência Pública, comprou à Sociedade Instrutiva Ozanam:

1.º) - Casas de sobrado e lojas, telheiro e terras de cultura, no lugar dos Bujos, freguesia de Miranda do Corvo, a confrontar a Nascente com Manuel António, a Poente com herdeiros de Joaquim Rodrigues da Costa Gonçalves, a Sul com Maria José e a Norte com vários; descrito na Conservatória sob o N.º 18.017 e na matriz urbana sob o artigo 451 e na rústica sob os artigos 19.124 e 19.125.

2.º) - Um terreno com pinhal na Cabeça Alta com o N.º 20.755 na Conservatória e 29.031 na matriz.

3.º) - Terreno com pinhal, na Cabecinha, sob os N.ºs 20756 e 20757 ambos inscritos na matriz sob a metade do artigo 28.745, embora sejam dois prédios distintos.

[fl.51v.º] 4.º) - Terreno com pinhal no Vale Queiroz sob o N.º 25.973 na Conservatória e na matriz sob os N.ºs 28.916 e 28.933.

5.º) - Terreno inculto, no lugar dos Bujos, com o N.º 25.975 na Conservatória e na matriz o N.º 29.024.

6.º) - Terreno com pinhal sito no Curtinho sob o N.º 25.976 na Conservatória e na matriz 28.920.

7.º) - Terreno com pinhal no lugar de Seixo com o N.º 29.333 na matriz; não está inscrito na Conservatória.

8.º) Uma terra de cultura no sítio do Ribeirinho, sob o N.º 28.928 na Conservatória e 19.122 na matriz.

Sua Excelência o Senhor Ministro das Finanças exentou [*sic*] de siza e mais impostos devidos à Fazenda Nacional, todos os prédios acima citados, do que vem requerer a V. Ex.^{cia} uma certidão.

E.R.M. [*espera resposta mercê*]

Miranda do Corvo, 27 de Fevereiro de 1942.

Pela Casa de Repouso do Gaiato Pobre.

P.^e Américo Monteiro d'Aguiar!

Em tempo: O prédio referido em primeiro lugar está também inscrito na Matriz Rús-

tica de Miranda do Corvo sob os art. 19.118, 19.119, 19.120, 19.121, 19.126.

P.^e Américo Monteiro d'Aguiar!».

Na margem esquerda, tem um carimbo, preenchido: «Secção de Finanças do Concelho de Miranda do Corvo/Registado sob o N.º474, L.º.10, fls.139/Entrada em 27/2/1942/Pºlo Chefe [ilegível]. Anexa, vem a referida *Certidão*, cuja transcrição fica para a próxima, mais a de outros documentos referentes a património, do punho do *Padre Américo*.

Padre Manuel Mendes

DOCTRINA

«Deus vê tudo»



Quando da nossa visita ao Alentejo, ao passar pela vila de Reguengos, foi-nos pedido que fôssemos ver a cantina escolar — e eu disse que não. Nova insistência e eu resisto. No dia seguinte, à hora de largar, mais um apertão. Fui. Quanto teria perdido, se o não tivesse feito!

As escolas são um nadinha retiradas do centro, num recinto de arvoredo com ruas ajardinadas. Ao meio está o edifício da cantina. Logo à entrada sente-se a beleza das coisas no seu lugar. Cozinha, copa, refeitório dizem bem e cheiram a abundância. São nove horas. Crianças servem a crianças taças de leite quente. Ao meio-dia tomam a comer na mesma ordem e isto todos os dias.

Ao que apurei naqueles momentos, tudo isto é obra dos professores e de uma senhora com o seu marido, que propuseram dar-se sem medida nem recompensa dos habitantes da terra para que a mercê seja inteiramente de Deus.

Tinha visto, sentido e gozado. Mesmo à horinha e já com Avelino ao volante, uma professora toma-me por um braço: «Venha ver o melhor». Em uma dependência da casa existe o depósito de artigos escolares. Dentro de um armário aberto estão as coisas com seus preços: borrachas, canetas, cadernos, tudo. O rapaz da escola vai, escolhe, deixa o dinheiro e retira-se. Ninguém a servi-lo, apenas esta lembrança, em letras gordas: «Deus vê tudo». Sim. Valeu a pena ter ido. Vi o melhor.

Por muitos títulos temos de apreciar esta obra eminentemente educativa. Em primeiro lugar a idade — rapazes da escola. Segundo lugar o jardim, as flores, o asseio, muita luz. Depois a taça de leite quente e muito docinho. Vem ainda o bafo dos professores e a caridade de quem ali põe a mesa. E por último o melhor: «Deus vê tudo».

Tivéssemos isto sem aquilo, era o medo. Era temendo que o rapaz procedia. Mas como tudo ali está no seu lugar, é amando que o faz.

PAI AMÉRICO, *Notas da Quinzena*, 1.º ed., 1986, pg 352-353

rar-nos sempre para a frente e para cima, de convergência em convergência, na direcção de uma culminância suprema»... b) as «Ciências da Psique Humana» tentam explicar que esse «desejo de união» mais não é do que um resquício «da memória ancestral da nossa vida no útero materno»... c) as «Ciências da Religião» ensinam que esse «algo» é a ânsia por Deus, como Alfa e Omega da nossa vida. E o importante é que cada um encontre aquela explicação que o leve a revelar-se na melhor versão de si mesmo (*SMV = Sua Melhor Versão*) - mais paciente, compassivo, humilde, sereno e bom.

Olho o sr. Costa, olho a Julieta - de quem já vos falei. O primeiro, no seu «não sou praticante, mas sou religioso»; a segunda, no seu «não posso entrar dentro de uma igreja. Sinto-me mal»... Passam os anos. Ninguém obriga nada a ninguém. Seguimos fiéis àquilo em que acreditamos e que aqui nos mantém - por amor dos que sofrem. O tempo foi fazendo o que faltava fazer naquelas vidas - frente aos mistérios do amor. Hoje, quer um quer outro, sem se falarem

disso, lá estão na Missa, cada domingo, a participar na Comunhão e tudo. Volto a conversas havidas com Pe. Baptista - *eu não sei discutir teologia, mas sei que as nossas práticas religiosas os pacificam muito. Isso nos basta. Eles são a nossa razão de ser aqui...*

3. Um «hóspede» no Calvário... Ele conhece-nos bem. Luta noutras guerras da ação social, mas sabe da importância desta nossa batalha aqui. Durante trinta anos, trabalhamos na mesma empresa - o ex BBI. Há dias, almoçamos juntos, para entrega de um livro que deixei sair *do coração para o papel...* Na sequência, sai-se-me com esta: - *Vós tendes lá uma Casa de Hóspedes em que eu possa passar uns dias para conversar contigo?!...* Falamos do nosso passado e do nosso presente. O nosso futuro já quase é só a alegria de termos tido um passado assim e, no presente, ainda nos poderemos ver assim...

A conversa prossegue e sai-se-me com mais esta: «Cada vez estou mais religioso»... E conta-me da alegria de se ver com esta idade, cheio de ideais sócio

políticos e com os filhos e netos a teimarem para que lhes deixe um livro sobre o *duro mas bonito per*+curso do seu singlar na vida.

— *É sobre isto que eu preciso da tua ajuda...*

Sonho com o fruto de um Calvário bem enxertado numa ERPI ou numa ERPI bem enxertada num Calvário...

1 Um verso dum antigo hino que, na adolescência, já tanto me tocava. Penso que era o hino do Movimento da Ação Católica que, em meados do séc. XX, tanto mexeu com tanta gente na sociedade de então. Obrigado Mons. Cardijn!

2 Nunca é demais repetir: *Des* é um prefixo de *privação*... Se privarmos a realidade das *cobertas* que no-la escondem, iremos descobrindo «as maravilhas que Deus faz em nós»...

Um admirador

[Escreve segundo o acordo ortográfico]

PENSAMENTO

Ora é impossível que não viva unicamente do Amor de Deus, quem não tem mais nada do que viver.

PAI AMÉRICO,
O Barredo, 1974, p 142.



Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. (NIF) 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 8550

Director: Padre Júlio • Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)
Redacção e Administração: Largo da Casa do Gaiato, 94 • 4560-378 Paço de Sousa
Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato • 4560-378 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 (Chamada para a rede fixa nacional)
geral@obradarua.pt • jornal.o.gaiato@obradarua.pt
www.obradarua.pt • www.obradarua.pt/estatuto-editorial/ • facebook.com/Casa.do.Gaiato

Crédito Agrícola: IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Caixa Geral de Depósitos: IBAN: PT50 0035 0597 0002 9078 0304 5

NIB: 0035 0597 0002 9078 0304 5 • BIC/SWIFT: CGDIPTPL

CALVÁRIO

No último domingo de Janeiro, dia 26, a Associação dos Antigos Gaiatos veio ao Calvário de Beire cantar as Janeiras. Vieram de coração cheio e com um repertório de canções populares bem diversificado. Trouxeram os seus instrumentos e alegria suficiente para contagiar os membros da Casa. Apesar do frio e da chuva foi uma tarde muito calorosa. O ritmo, as palmas, o trinar da guitarra, o som dos ferrinhos, o bombo, o acordeão, a pandeireta, as vozes, tudo concorreu para uma rica harmonia humana e cristã. Era ver a alegria da Luisinha e da D. Joaquina. Do mesmo

modo, apesar da sua fragilidade, a Adelaide ia entoando as melodias. O Sérgio Manuel e os outros rapazes estavam radiantes. Todos foram acolhedores e simultaneamente acolhidos. O Albano recordou os tempos em que cá vinha cativar a sua pequena orquestra. Ficou de voltar de forma programada. A música é a antecâmara da alma e tornou o ambiente daquele domingo mais ressuscitado, porque mais humano, encarnado, realista.

O Calvário vai assim dando corpo à sua missão de cuidar dos mais frágeis aceitando humildemente o contributo dos mais robustos. É uma lógica de caridade cristã importante e simples, mas efi-

caz para quem reside e para quem visita.

Estiveram presentes alguns amigos que nos honraram com esse gesto. Havíamos feito o convite na Eucaristia da manhã, no domingo da Palavra! Para eles reacendemos a lareira no refeitório, onde preside um retrato do Pai Américo, recentemente pintado por Cláudia Santos e que nos foi generosamente oferecido por um amigo.

No final lanchámos todos juntos e veio ao pensamento de todos a certeza de que é bom darmos-nos a paz, foi isso que celebrámos nessa tarde: Cristo a paz universal para um mundo cada vez em tensões. Valeu a pena.

Padre José Alfredo

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

O “ESTRANGEIRO” E A ENORME DIFICULDADE DA PARTILHA – Estamos cada vez mais inundados de notícias sobre imigrantes vindas de todos os lados, de países longe de nós, mas também do nosso, incluindo do próprio sítio onde moramos. Infelizmente, muitas vezes são notícias más que vão ao contrário do primeiro Mandamento da Lei de Deus.

Nas Casas do Gaiato, desde sempre, houve e continua a haver imigrantes, tendo sido sempre tratados de forma igual aos que o não são. Na nossa Conferência e em muitas outras houve e continua a haver atenção prestada a imigrantes também tratados da mesma forma que os que o não são.

Infelizmente, a partilha é das coisas que os seres humanos têm mais dificuldade em fazer. Custa muito partilhar com outros as nossas coisas, a nossa terra e o tudo o mais que dizemos que “é nosso”. Por isso, o mundo que Deus criou para que todos possamos usufruir dele em Paz e Amor, está partido em bocados, com sempre

alguém a clamar que “isto é meu”. Daí, depois, as guerras de vários géneros que causam desgraças por esse mundo fora, e, também, por vezes, até à nossa porta, ou até ao nosso quintal.

Apesar da partilha ser das coisas que os seres humanos têm mais dificuldade em fazer não podemos desistir. Temos que continuar a lutar para que aconteça. O mundo tem que chegue e que sobre para que todos os seres humanos possam ter uma vida condigna, na condição de que essa partilha aconteça.

Os nossos contactos (*só para assuntos da Conferência e não para assuntos da administração do jornal*)

Conferência Vicentina de Paço de Sousa
A/C Jornal “O Gaiato”
Largo da Casa do Gaiato, 94
4560-378 Paço de Sousa
Telem. 965464058
E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt

Américo Mendes

BENGUELA – VINDE VER!

Continuação da página 1

des. Acabo de entregar quatro processos para preencher vagas de emprego a favor dos nossos rapazes já em idade da sua autonomia para o autogoverno. Outros quatro já lá andam na fábrica. Ganham o seu pão e bem sabe, por vir do suor e sacrifícios próprios. Estou a preparar outros sete processos para seguirem para a mesma empresa. Os que lá andam dão “boa cartada”. Disse-me o patrão. Que bom encontrar espaço na vida social para o enquadramento dos nossos jovens. Confirme sempre o nosso Bom Deus a Sua presença em nossas vidas para a porta de saída da nossa Casa para os nossos rapazes seja sempre pela via da empregabilidade que assegura e facilita a sua integração na vida social activa. Os que fazem dezasseis anos vão ingressar nas nossas ofi-

cinas para começarem a sua preparação para o mundo do trabalho. É preciso disciplina, obediência, responsabilidade, assiduidade, espírito de sacrifício, docilidade, honestidade e tudo mais que acrescenta prestígio no local de trabalho. E quando um rapaz deixa a Casa para começar no sistema de autogoverno deve levar na sua mala de viagem bem carregada todos estes princípios humanos e cristãos. Sem deixar para outra viagem a ética, o profissionalismo e muito humanismo a transbordar em boa medida a ser aplicada aos outros.

Tudo quanto temos e somos é para dar aos pobres, aos pequeninos. Aos mais desprezados da sociedade. Tudo é para todos e todos sois vós. Com a inserção no mundo do trabalho para os jovens da nossa Casa renasce a certeza de que os meninos perdidos nas

ruas em breve terão um lugar à mesa, com o caldo quente, com cama e roupa limpa para dormir com dignidade, família e amor, pão de cada dia, escola para aprender a ciência, as oficinas para aprender a trabalhar e Igreja aberta para rezar, agradecer e bendizer o Nosso Deus. Continuamos a contar com todos os nossos amigos e benfeitores que de longe e de perto seguem firmes de mãos dadas às nossas necessidades. No amor está o resumo de todas as virtudes. No trabalho temos a grata ocasião para expressarmos o amor pelos nossos irmãos. A conclusão é de Pai Américo *«Dá-me uma vaga na tua copa, a um destes pequeninos, irmão dos teus filhos; procura nele traços do Nazareno que tanto melhor os encontras quanto mais desgraçado ele for. Tens a página às tuas ordens; escreve nela o verbo amar – hoje»*.

Padre Quim

POBRES

JÁ nos conhecemos há mais de 10 anos. A primeira visita que nos fez foi em 2012. O pároco escrevia na carta que nos mandou por ela: «casada catolicamente e tem duas filhas menores. O marido está agora a trabalhar na construção civil mas só recebe quando lhe pagam... Das pequenas recebe só o que a Segurança dá... já passou muito mal e não deseja que as filhas passem o mesmo».

Decorrido este tempo já passou por 4 casas alugadas. Para a actual, com 4 meses, espera receber um subsídio do Estado para ajuda à renda, de pouco mais de metade do que já está a pagar.

Como dizia o pároco que os casou, «já passou muito mal». E mais passou quando o marido a abandonou, deixando-a com as duas meninas com menos de 10 anos de idade e outra menina que estava para nascer.

Nas maiores aflições contava connosco, para a renda, para o infantário, água, luz...

Agora, muito recentemente, novo agravamento, que o dinheiro não resolve totalmente, uma doença «ruim», como diz o povo. Cruz não só na doença mas também nos caros tratamentos: «Desde dia 17 que devia tar a tomar mas e 50€ cada caixa» (sic). Pelo telefone havia-me dito que a médica lhe referiu que morrem muitas mulheres (é uma doença feminina) porque não têm dinheiro para os medicamentos.

Culpa nossa, também.

Por vezes, achava que ela estava a abusar um pouco. Foi numa fase em que não vinha cá (a distância e os meios de transporte dificultam). É importante vermo-nos, ainda que não seja na casa que habitam. As palavras não substituem o ver.

Dou graças a Deus pelo que fizemos, e peço-Lhe perdão pelo que podíamos fazer e não fizemos. Neste caso podemos dizer presente; muitos outros, pelo mundo fora, carecem de cireneus.

Padre Júlio

SINAIS

RECORDO com saudade o começo da barragem de Picote. Para o nosso povo foi um acontecimento — nunca tinham visto uma barragem.

Ficaram surpresos quando viram aparecer os engenheiros nos seus jeeps.

Logo a seguir começaram a chegar homens — sedentos por trabalho.

Sendo pároco de Picote comecei a encontrar na estrada gente com ânsia de trabalho. Alguns vinham das barragens e minas do Minho e outro locais. Os trabalhos começaram. Em pouco tempo eram mais os trabalhadores que os lugares de trabalho.

Os senhores engenheiros viram-se aflitos para conseguirem emprego para todos...

Entre os trabalhadores, alguns tinham trabalhado nos túneis das barragens e das minas do Minho — onde contraíram silicose, escondendo-a por amor ao sustento dos filhos.

Os trabalhadores começaram com força em todas as frentes e nasceu uma luta contínua com as rochas e a fúria do nosso Douro. Quotidianamente notei e saboreei a delicadeza e carinho dos senhores engenheiros e responsáveis para com os simples operários.

Para mim a delicadeza dos responsáveis para com todos foi um sinal de bem e de alegria, ao lado das rochas mudas e indiferentes aos banhos de cimento.

A obra começou a tomar forma e no mergulho de quatro anos, que nos pareceu um instante, surgiu luminosa — a linda barragem de Picote.

Não mais olhámos as fadigas diárias dos operários — olhámos, sim, a beleza da nossa barragem e o milagre da lua!

Nova era! Um tempo novo!

Lágrimas de alegria — e algumas de dor? Tudo.

Mas surgiu um bem! Uma nova face de Portugal — de Miranda até ao Mar...

Faz-nos bem vir a Picote e mergulhar no bem das barragens do Douro para o nosso Portugal!!!

Padre Telmo